

Uma história de esperança e sobrevivência no Semiárido mineiro



O casal e seus dois filhos em sua propriedade



Eduardo na casa de sua avó

No Semiárido mineiro muitas famílias agricultoras estão encontrando diversas maneiras criativas de viver, produzindo seu próprio alimento e gerando melhor qualidade de vida. E com o casal Mardelene Aparecida de Jesus (Leninha), de 40 anos, casada com Roberto Carlos Silva (Beto), de 43 anos, não é diferente. A família vive na comunidade de Paciência Velha a 12 km do município de Porteirinha com seus três filhos: Eduardo José da Silva, de 20 anos, Geferson Manoel Silva, de 15 anos, e Vagner Roberto Silva, de 12 anos.

Leninha e Beto casaram em 21 de abril de 1995, na comunidade de Córrego do Matão, onde moraram e trabalharam por 11 anos no terreno de seus pais. Plantavam milho e feijão para vender e consumir. Foi lá que tiveram seus filhos e passaram por algumas dificuldades. O casal trabalhava também como boias frias em algumas temporadas e enquanto Leninha e Roberto trabalhavam para sustento da família, a mãe de Beto olhava as crianças.

O terreno que moram atualmente na comunidade de Paciência Velha era da avó de Roberto. Com muito esforço conseguiram comprá-lo e logo construíram uma casa de adobe, e mesmo sem energia elétrica, água encanada e nem estrada resolveram tentar melhorar a vida por ali mesmo.

Com a aquisição deste novo terreno mesmo sem estabilidade financeira, começaram uma nova atividade com a produção de hortaliças. E para molhar os pequenos canteiros de hortaliças a família utilizava água de um pequeno rio que passava muito próximo de seu quintal, transportavam essa água de balde em balde que, além de servir para molhar a horta utilizavam também para consumo da casa. Mesmo com toda dificuldade que a família passou neste primeiro momento eles não desistiram de trabalhar, foi um incentivo ainda maior para que a família continuasse a persistir no cultivo de sua terra.

Mardelene conta que foi até o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Porteirinha, onde ela é filiada há 10 anos, para adquirir o salário maternidade. Ficou sabendo que a entidade trabalhava com projetos sociais, onde pediu ajuda com uns canos para irrigação de seus canteiros. Foi informada também que o sindicato estava comprando umbu e aproveitou a oportunidade, pois ela tinha a fruta em seu terreno e começou a colher e vender. Ela conta que na primeira carga trouxe 20 caixas de umbu.



Horta agroecológica

Alguns meses depois eles receberam o projeto PAIS (Produção Agroecológica Integrado e Sustentável) através do sindicato e a partir daí tudo melhorou. O rio que utilizavam a água em sua propriedade havia secado e a opção que tinham era somente a água de uma nascente na serra, que ficava a uma distância de 1.400 metros do terreno da família e eles não tinham condições financeiras para fazer uma encanação tão distante. Com o projeto PAIS, receberam os equipamentos necessários para a encanação da água até o terreno e expansão da horta, plantando mais variedades e aumentando mais a produção. Com essa oportunidade que tiveram, a família conseguiu se desenvolver e ampliar com a produção de biscoitos feita em casa e também passaram a vender frango assado. A família também trabalha com criações de cabras, peixes, porcos e galinhas somente para seu consumo. Com o aumento da produção e vendas eles conseguiram comprar uma charrete para agilizar a entrega de seus produtos na casa de seus clientes e com isso Roberto não precisou mais sair para trabalhar em outros estados no corte de cana e colheita de café. Percebeu que a prioridade era de cuidar da sua propriedade e ficar mais próximo da família.



Criação de cabras



Leninha na suas vendas



Laguinho de peixe

A família continuou investindo e logo quando viram que as vezes perdiam tempo na estrada por trabalharem com a charrete, decidiram comprar uma moto e assim as coisas foram melhorando. Chegaram a vender sua produção na feira livre do mercado municipal de Porteirinha, mas sentiram dificuldade por não ter um ponto fixo para vender seus produtos então optaram por trabalhar nas comunidades vizinhas. Saem praticamente todos os dias com seus produtos. Hoje em dia já tem os pontos fixos para passarem com a mercadoria, à família toda está envolvida, tanto Leninha e Beto quanto os filhos também ajudam, o filho mais velho mora com a avó e trabalha na comunidade de Paciência. Aos finais de semana busca a mãe para fazer entregas, até mesmo na semana se caso precise ele vem até a casa de seus pais para ajudar. Os filhos começaram na escola desde cedo e os pais sempre fizeram questão que estudassem.

O terreno da família ficou sem energia durante oito anos e há pouco mais de três anos a energia chegou ao local, dando melhores condições para se viver na propriedade. Hoje a família tem sua própria criação e produção para sua sobrevivência, com o que produzem não precisam comprar praticamente nenhum alimento, pois grande parte do que precisam já possuem em seu quintal. A família não tem pretensão de sair da sua propriedade, eles contam que são felizes ali e que em outro lugar não teriam a oportunidade de cultivar como neste local. Leninha e Roberto compraram um pequeno lote na comunidade de Paciência com a venda de algumas cabeças de gado que possuíam, e pretendem num futuro próximo realizar o sonho de aumentar a criação de pequenos animais.



Leninha fazendo biscoito



Leninha assando biscoito



Biscoitos quentinhos